

Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America

ISSN: 2572-3626 (online)

Volume 18 | Issue 2

Article 4

12-22-2022

“Quando eu crescer, quero ser um fotógrafo”: caminhos da produção audiovisual de Kamikia Kisêdjê

Rodrigo Lacerda

Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) / Collaborating editor Tipití, rodrigolacerda@me.com

Ximena Flores Rojas

doutoranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Collaborating editor Tipití, ximeflores.r@gmail.com

Tatiane Maíra Klein

Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP) e pesquisadora do Centro de Estudos Ameríndios (CEstA-USP) / Collaborating editor Tipití, tatimaklein@gmail.com

Follow this and additional works at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti>



Part of the [Film Production Commons](#), [Latin American Studies Commons](#), and the [Social and Cultural Anthropology Commons](#)

Recommended Citation

Lacerda, Rodrigo; Flores Rojas, Ximena; and Maíra Klein, Tatiane (2022). “Quando eu crescer, quero ser um fotógrafo”: caminhos da produção audiovisual de Kamikia Kisêdjê”, *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*: Vol. 18: Iss. 2, Article 4, 241-250.

Available at: <https://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol18/iss2/4>

This Collaborating Editors Section is brought to you for free and open access by Digital Commons @ Trinity. It has been accepted for inclusion in Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America by an authorized editor of Digital Commons @ Trinity. For more information, please contact jcostanz@trinity.edu.

“Quando eu crescer, quero ser um fotógrafo”: caminhos da produção audiovisual de Kamikia Kisêdjê

Rodrigo Lacerda

*Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA),
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade
Nova de Lisboa (NOVA FCSH)
Portugal*

Ximena Flores Rojas

*Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)
Brasil*

Tatiane Maíra Klein

*Universidade de São Paulo (USP), Centro de Estudos
Ameríndios (CEstA-USP)
Brasil*

Kamikia Kisêdjê, do povo Kisêdjê da Terra Indígena Wawí, Estado do Mato Grosso, Brasil, é um dos mais renomados repórteres, fotógrafos e cineastas indígenas de sua geração. Há mais de duas décadas, Kamikia vem registrando as lutas do Movimento Indígena no Brasil e formando novas gerações de artistas audiovisuais. Nesta entrevista, Kamikia Kisêdjê compartilha com os leitores as memórias de sua formação, algumas histórias da luta no Movimento Indígena no Brasil e nos convida a “unir forças e estar juntos nessa luta em defesa do meio ambiente, dos direitos e [contra] tudo isso que o governo vem criando para acabar” com os povos indígenas.

Na primeira parte da entrevista, o cineasta compartilha suas lembranças quando criança, ao perceber que sua paixão era o audiovisual, suas primeiras experiências cobrindo reuniões comunitárias e o início de sua formação no projeto Vídeo nas Aldeias. O treinamento como comunicador indígena permitiu que ele fosse professor de outros indígenas com interesse audiovisual e se transformasse numa figura importante no registro das lutas do Movimento Indígena, como o Acampamento Terra Livre (ATL). Na segunda parte, ele compartilha sua experiência no registro da vida cotidiana de diferentes povos indígenas, que frequentemente tem sido interetada pela ameaça de invasores e demandas para a demarcação do território indígena.

A entrevista decorreu em Lisboa, Portugal, durante o evento *EcoImagens: Festival de Cinema Indígena da Amazônia*, que teve lugar naquela cidade e em Coimbra, nos dias 1, 2 e 3 de junho de 2022. O festival foi organizado pelo Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, em parceria com o Festival de Cinema DocLisboa e a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, como parte do projeto “Animals and Plants in Cultural Productions about the Amazon River Basin-ECO”, financiado pelo European Research Council (ERC) e coordenado por Patrícia Vieira. A programação contou com a curadoria de Ailton Krenak, Graci Guarani, Patrícia Vieira, Martiniano Neto e Rodrigo Lacerda. Cada sessão de filmes foi seguida de uma mesa-redonda com Kamikia Kisêdjê e Graci Guarani (*online*). Os filmes de Kamikia Kisêdjê exibidos durante o festival foram: *Amne Adji Papere Mba – Carta Kisêdjê para o RIO+20* (2012); *Wotko and Kokotxi, Uma História Tapayuna* (2012); *Última Volta do Xingu* (2017), realizado em colaboração com Wallace Nogueira.

Acompanhe o trabalho de Kamikia Kisêdjê em:

<https://www.kamikiakisedje.com/>

<https://www.instagram.com/kamikiakisedje/>

<https://www.youtube.com/user/AIKProducoes>

Entrevistadores: Numa entrevista, você disse que desde criança usava uma lata de leite como máquina fotográfica. Você poderia começar contando pra gente como começou esse seu caminho como cineasta, fotógrafo e repórter indígena?

Kamikia: O meu nome é Kamikia. Eu sou do povo Kisêdjê, que mora na Terra Indígena Wawi, no Estado de Mato Grosso. Acho que a minha paixão pela fotografia veio desde a minha infância. Porque a minha mãe conta que quando era pequeno, eu ia para a roça com ela e aí eu usava uma rama como tripé para fazer filmagem. Eu falava para ela: “Quando eu crescer, quero ser um fotógrafo.” E também usava lata de leite como máquina fotográfica. E, então, aquele barulho era uns *clicks* para mim. Fazer as pessoas parar e fotografar. Os meus tios contam que eu fazia isso. E, então, veio desde pequeno eu tenho essa paixão pelo audiovisual.

Aí, eu cresci. Antes de eu pegar a câmara, eu tinha um equipamento de som que era um microfone com mesa de som e gravador. Nessa altura, eu fazia cobertura em áudio das reuniões, das manifestações. No final do evento, eu entregava as gravações, um CD, para cada liderança. Eles levavam e apresentavam na sua comunidade, tocavam dentro da caixa de som no centro da aldeia. Com tudo isso, eles gostaram muito do trabalho que eu vinha fazendo e começaram a me apoiar. E eu fui indo.

Meu pai ajudou no começo da minha carreira. O meu pai comprou a minha primeira máquina fotográfica no ano 2000. Aconteceu um encontro do governador do estado de Mato Grosso com lideranças indígenas na cidade chamada Canarana, Mato Grosso. Eu falei:



figura 1. Raoni Metuktire, líder indígena do povo Kayapó, em mobilização em maio de 2014 que reuniu mais de 500 indígenas de cem povos diferentes de todo Brasil na capital federal, para protestar em defesa dos direitos territoriais dos povos indígenas garantidos na Constituição. Kamikia Kisêdjê, 2014.

“Nossa, quero documentar esse importante encontro.” Aí, meu pai me emprestou dinheiro e comprou uma máquina fotográfica que era ainda em filme. Eu fiz essa foto. Eu considero essa foto como a primeira, uma foto histórica das lideranças políticas.

Até que eu cheguei no projeto Vídeo nas Aldeias.¹ Mas antes de eu chegar, eu vinha acompanhando o trabalho deles através dos vídeos realizados por outros cineastas indígenas. Até que eles chegaram na nossa aldeia, deram oficina, os equipamentos. A partir daí, seguimos com o trabalho. Primeiro, fizemos trabalho interno, dentro da terra indígena, documentando a festa. A partir de 2008, eu comecei a sair fora. Eu recebi vários convites. Eu acho que a primeira viagem que eu fiz para fazer registro foi em 2008 para a Amazônia. Isso foi na Tabatinga, lá na aldeia dos Ticuna. Depois dessa viagem, eu comecei a receber vários convites. Viajo muito por conta do trabalho.

Entrevistadores: Você falou que seu pai foi importante para comprar a câmara. Também foi importante para a carreira de comunicador indígena?

Kamikia: Minha família sempre me apoiou, mas, ao mesmo tempo, eles ficam muito preocupados porque eu viajo bastante. Eles ficam vendo na televisão o avião caindo, os acidentes. Principalmente, a minha mãe e meu avô ficam muito preocupados. Todo o dia meu pai me liga para saber se eu estou bem. Eles têm essa preocupação e ao mesmo tempo eles sabem que é um trabalho importante o que eu estou fazendo. Aí, tem meus filhos. Eles ficam lá, eles falam comigo todo o dia. Toda a vez que o avião passa por cima da aldeia, minha filha fala: “O pai está viajando ali.” [Quando eu volto, o que eu conto] da viagem é como os outros parentes vivem na sua aldeia. Tem alguns parentes que são bem parecidos conosco: por exemplo, eles comem caça, pescam, roçam. Então, é isso que eu conto sempre para meus pais e meus filhos. Quando eu estou num evento, eu conto como foi, quantos povos estiveram presentes, o que foi discutido e como foi o trabalho.

Eu também colaboro com a APIB [Articulação dos Povos Indígenas do Brasil]² na comunicação. Em todo o ATL [Acampamento Terra Livre], a gente faz a cobertura em audiovisual com a Mídia Índia.³ Eu fui um dos primeiros comunicadores do movimento porque, em 2012, a primeira vez que eu fiz a cobertura, era pouca gente, só eu e mais duas pessoas. E, hoje em dia, no ATL deste ano, em abril, estávamos com mais de duzentos comunicadores indígenas. Então, a gente vê que está crescendo. É muito bom a gente estar junto nesse trabalho.

Não só trabalhando fazendo filme, mas também dando oficina para os outros indígenas de várias regiões. Eu fico muito feliz de ver que aquela pessoa que a gente formou na oficina, a gente vê ele trabalhando, fazendo vídeo. É muito bom isso.

Entrevistadores: Como você faz a oficina de formação? Com que povos é que já trabalhou?

Kamikia: A gente meio apanha o mesmo modelo que o Vídeo nas Aldeias usa. Então, o primeiro que a gente ensinou foi em Tocantins com o povo Javaé e Karajá, que foi mais na parte da fotografia. A gente mostrou desde o começo como é a câmara, o que é o sensor, o que é abertura, o que é velocidade. Isso é na parte da fotografia. Depois fomos para o Maranhão, onde tem os Guajajara, que também formamos, deixamos equipamento. Aí, tem os Kayapó. E no Acre com os Huni Kuin, o mesmo processo. E no Xingu também com vários povos: Kaiabi, Juruna, Ikpeng. Então, tem muita gente que já formei.

Entrevistadores: E fazem a oficina de montagem também?

1. “Criado em 1986, Vídeo nas Aldeias (VNA) é um projeto precursor na área de produção audiovisual indígena no Brasil. O objetivo do projeto foi, desde o início, apoiar as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais, por meio de recursos audiovisuais e de uma produção compartilhada com os povos indígenas com os quais o VNA trabalha. (...) O VNA foi se tornando cada vez mais um centro de produção de vídeos e uma escola de formação audiovisual para povos indígenas. Desde o “Programa de Índio” para televisão em 1995, até a atual Coleção Cineastas Indígenas, passando por todas as oficinas de filmagem e de edição do VNA, em parceria com ONGs e Associações Indígenas, o projeto coloca a produção audiovisual compartilhada ao centro das suas preocupações.” Disponível em: <www.videonasaldeias.org.br>. Acesso em 9 de dezembro de 2022>.

2. “A Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB foi criada pelo movimento indígena no Acampamento Terra Livre de 2005. O ATL é a nossa mobilização nacional, realizada todo ano, a partir de 2004, para tornar visível a situação dos direitos indígenas e reivindicar do Estado Brasileiro o atendimento das suas demandas e reivindicações. A Apib é uma instância de referência nacional do movimento indígena no Brasil, criada de baixo pra cima. Ela aglutina nossas organizações regionais indígenas e nasceu com o propósito de fortalecer a união de nossos povos, a articulação entre as diferentes regiões e organizações indígenas do país, além de mobilizar os povos e organizações indígenas contra as ameaças e agressões aos direitos indígenas”. Disponível em: <<https://apiboficial.org/sobre/>>. Acesso em 9 de dezembro de 2022.



figura 2. Mulheres kayapó dançando durante mobilização indígena em Brasília (DF); à esquerda está Tuire Kayapó, liderança histórica da luta dos povos indígenas afetados pela Usina Hidrelétrica (UHE) Belo Monte, no Xingu. Kamikia Kisedje, 2021.

Kamikia: A gente faz em três etapas. Primeiro, é mais assim para apresentar os equipamentos, dica de filmagem. Na segunda parte, já é mais para edição. E na terceira é mais finalização, tipo legenda, [correção de] cor, tratamento de áudio. São três etapas. Então, está cada vez mais crescendo. Tem muita gente filmando nessa área.

Entrevistadores: Você já trabalhou como comunicador com muitos povos indígenas no Brasil. Então, estava pensando como você chega a pessoas diferentes e a eventos diferentes. Como é que é essa ligação?

Kamikia: Toda vez que eu chego nas aldeias dos outros parentes, tanto no Acre, no Pará, no Sul, eu sempre fui bem recebido. Eles falam: “Eu já vi seu trabalho, eu já vi você filmando no tal evento.” Uma vez, eu fui no Acre, eu cheguei numa aldeia Huni Kuin, não me lembro o nome. Eles convidaram a gente. Fomos almoçar e quando eu entrei numa casa lá eu vi minha foto na parede [risos]. Era minha foto com câmara. Aí, tem a Alessandra Munduruku. O filho dela se chama Gabriel. Ele fala para a mãe: “Mãe, eu quero ser fotógrafo que nem o Kamikia”.

Entrevistadores: E agora no ATL tinha já alunos seus?

Kamikia: Sim. No ATL tem. Tem os Kayapó do Coletivo Beture, que estavam lá junto. A gente trabalhou junto. Tem o próprio idealizador da Mídia Índia – que ele sempre fala que quando ele estava estudando desde pequeno ele vem vendo o meu trabalho. Então, ele chegou nessa área vendo o meu trabalho como inspirador. Tem outro rapaz, que ele é Gavião, e ele também falou que sempre sonhou de trabalharmos juntos. Então, deu certo de a gente trabalhar junto nesse ATL que passou agora. Toda a vez que a gente anda junto, ele me apresenta: “Eu tô trabalhando com ele!” Então, a gente fica feliz de ver como a pessoa se formou no trabalho junto.

Entrevistadores: Quando, por exemplo, você está no ATL, como é que você faz para ser repórter? Você segue alguns personagens principais? Está junto mais de algum grupo? Como é a estratégia?

Kamikia: Nestes dez anos já. É. Nos ATL, os comunicadores sempre chegam uns dias antes para conversar como é que vai ser o trabalho de cobertura porque tem programação. Tem audiência com tal deputado, tem marcha e tem pauta. Tal vai ser no tal dia. Então, a gente escala. Ele vai fotografar a audiência. Aquele vai acompanhar essa liderança em tal reunião. Então, tem essa escala das pessoas. A gente organiza a equipe. A gente faz quase tudo. Por exemplo, muitas pessoas falam que eu, sei lá, que eu sou rápido e faço muitas coisas ao mesmo tempo. Porque está na marcha, né. Aí, eu estou lá filmando e, ao mesmo tempo, solto o drone. Então, em menos de cinco minutos, a imagem do drone já está circulando no site da APIB. E também tem aplicativo que a gente usa no celular. Você entrevista, filma, edita rapidinho e, em menos de dez minutos, já está na rede da APIB, da COIAB [Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira]... Então, é isso que inspira as pessoas a estar junto.

No começo, tinha muita pouca gente. Aí, muita gente fala para mim que eu fui o primeiro, como fala, precursor, né, da Mídia Índia, como comunicador indígena. Muita gente chegou com essa inspiração de ver o trabalho que eu venho fazendo. Hoje em dia, cresceu com muita gente. Tem muita gente com nós, ajudando. Isso é muito bom.

Entrevistadores: E na sua aldeia? Você tem feito formação? Tem um sucessor kisedjê na aldeia?

Kamikia: Agora tem gente ajudando. Por exemplo, quando eu viajo, aí já tem gente lá fazendo os trabalhos quando eu não estou lá.



figura 3. Plenária na tenda do 17º Acampamento Terra Livre, em Brasília (DF). Kamikia Kisedje, 2021.

Entrevistadores: Como você estava falando ontem na mesa-redonda do festival e aparece no final do filme *A Festa do Rato*, tem essa coisa do filme para fora da aldeia e do filme para dentro da aldeia. Quais são as diferenças?

Kamikia: Para a circulação na comunidade, para esses cantos serem utilizados pelas futuras gerações. Tem alguns cantos que são sagrados, que não podem ser repassados para os outros. Então, tem essas coisas que a gente fala que é só para a comunidade assistir e para usar nas escolas, como material didático. Tem outra versão que a gente faz para circular nas redes sociais, nos festivais. Por exemplo, um vídeo de manifesto, um documentário... A versão para a comunidade, a gente faz mais longa, sem muita edição, a gente deixa o canto rolar até o final. É isso que eles gostam de assistir. Hoje em dia, eles assistem no celular, no pen drive...

Entrevistadores: No início do filme *A Festa do Rato*, você fala em off que já não faziam o ritual há dez anos por causa da luta para reconquistar o vosso território. Como é essa demanda constante de lutas pelo território, contra a poluição, o desmatamento, etc. – e você ainda fazendo comunicação audiovisual –, como é que isso afeta o cotidiano da aldeia e a realização dos rituais?



figura 4. Raoni Metuktire e lideranças indígenas se reúnem com o deputado federal Nilto Tatto (PT/SP); após reunião, fizeram manifestação contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 215/2000 no Salão Verde do Congresso Nacional, em Brasília (DF). Kamikia Kisedje, 2015.

Kamikia: A festa do rato é uma festa típica do povo Kisêdjê, que é realizada somente no mês de dezembro, na época do milho. Essa festa todo o ano acontecia, mas quando estávamos em luta para reconquistar nosso território ancestral, deu uma pausa durante dez anos sem realizar esta festa. Então, a gente não fazia mais e muita gente já não sabia a música, como cantar. Mas as gravações que foram feitas pelo antropólogo americano – que ele devolveu todo esse material – ajudou bastante os mais jovens a voltar a aprender a cantar. Foi com isso que a gente conseguiu realizar de novo essa festa.

Entrevistadores: O Anthony Seeger?

Kamikia: Isso.

Entrevistadores: Como foi esse processo de devolução de Anthony Seeger?

Kamikia: Foi vídeo, foi fotografia, foi tudo. Contactaram ele e isso funcionou. Anthony Seeger é um antropólogo que trabalhou com nós, Kisêdjê. Acho que foi nos anos 1970. E, até agora, ele está ajudando nós e, às vezes, ele vai lá para a aldeia passar uns dias. Volta com a família. Tem outros povos que perguntam: “Porque só o antropólogo que trabalhou com vocês há muito tempo, aprendeu a língua de vocês, continua com vocês ajudando e antropólogo que trabalhou com nós, ele aprendeu muita coisa aqui e vai embora e não tem resultado? Mas o antropólogo de vocês, ele está até agora com vocês aí.” Então, ele é muito boa pessoa e ajuda nos projetos. Até ajudou na reconquista da terra porque ele tem esses áudios, as fotos, o vídeo, e com isso ajudou também na parte da demarcação da terra.

Entrevistadores: Você pode falar um pouco sobre o processo de realização do filme *Wotko and Kokotxi*, com os Tapayuna?⁴ Como você teve essa ideia de filmar um outro povo?

Kamikia: Eu sempre tenho essa ideia de fazer um vídeo com um povo que eu posso ajudar aquele povo. Então, eu vi que os Tapayuna estavam querendo ser reconhecidos e também estavam na luta de reconquistar o território ancestral deles para voltar a morar na região deles. Aí, eu fiquei com essa ideia de fazer um vídeo que contasse a história deles. Eu escolhi um personagem [Wotko]. Primeiro, ele não gostava de ser filmado, mas depois eu fui explicando qual era a ideia. Ele entendeu a importância e, a partir daí, comecei filmando o dia a dia dele, a caçada... Então, fui filmando até que formou o vídeo. A gente levou ele lá para... Porque tem Tapayuna que mora com a gente e tem Tapayuna que mora com os Kayapó. Então, fazia muitos anos que eles não se encontravam. A gente resolveu levar eles. Então, eles se encontraram, se emocionaram. E também conseguimos as fotos antigas do contato para eles verem e também levarem lá para os povos. A dificuldade que eu passei foi arranjar uma ajuda para levar eles, tipo compra de gasolina, logística, tudo isso. Mas deu tudo certo. A gente conseguiu. Comecei a filmar em 2008 e a gente só começou a finalizar de 2010 em diante porque estava sem recurso para finalizar. Também a gente teve que correr atrás das fotos antigas e saber o nome dos autores das fotos para poder colocar nos créditos.

Entrevistadores: Qual foi o impacto do filme no processo de demarcação da terra indígena dos Tapayuna?

Kamikia: Teve sim! A gente começou a apresentar esses vídeos e o pessoal começou a entender que eles vieram de outro lugar e que eles precisavam reconquistar seu território ancestral. Então, com isso, eles conseguiram outros apoios para conseguir o trabalho do GT [grupo técnico de trabalho multidisciplinar coordenado por antropólogo, instituído pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) ao início do processo demarcatório da Terra Indígena] e identificar se ainda existe mata ou se ainda existe gente morando lá. Tudo isso o filme ajudou.

Entrevistadores: Você já fez documentários como esse, como *A Festa do Rato*, já fez reportagem, como no ATL, já acompanhou lideranças indígenas na Europa. Sua carreira já tem 20 anos! Quais foram os momentos mais marcantes para você?

4. O filme pode ser assistido, com legendas em espanhol e inglês, respectivamente nos links <<https://vimeo.com/161495511>> e <<https://vimeo.com/96114423>>. Acesso em 9 de dezembro de 2022.

Kamikia: Tem uma viagem para uma oficina que eu fiz com Ernesto [Ignácio de Carvalho, cineasta não indígena e formador no Vídeo nas Aldeias] lá no Paraguai com o povo Ayoreo. Eles são um povo que não vive perto do rio. É difícil eles terem acesso ao rio. E eu lembro que tinha uma senhora, bem velhinha, chorando de fome. Até hoje, eu lembro. Eu falei: “Nossa, eu tenho que fazer algum vídeo, alguma forma para ajudar esse povo através de um vídeo realizado com eles.” Então, isso é uma viagem muito marcante para mim.

Já fiz muita coisa mesmo. Já formei muitas pessoas. Eu tenho 20 anos de trajetória e uma viagem que muito me marcou foi a viagem com o Cacique Raoni para Paris porque quando fui com ele tinha bastante imprensa. Os fotógrafos querendo entrar naquela reunião fechada com o Governador, com o Presidente. Aí, o único que conseguia entrar era eu, sempre do lado. Isso foi muito importante para mim, eu achei isso muito marcante. E outra foi quando o Raoni realizou um encontro lá no Piaraçu. Ele convidou várias lideranças indígenas do Brasil. Isso foi no começo de 2020. Ali tinha uma roda grande e o Raoni estava bem no centro dessa roda. Também tinha bastante imprensa, outros fotógrafos, TV Globo, e eles decidiram deixar somente eu entrar, ficar de lado para filmar de perto e fotografar. Eles falaram: “Somente ele está autorizado para ficar de perto e fotografar Raoni. E depois vocês pegam a imagem com ele.”

Entrevistadores: O cacique Raoni é uma das principais referências para você, não é?

Kamikia: Foi! Eu aprendi muita coisa com ele. Ele sempre fala da defesa do meio ambiente, do rio. Então, durante essas viagens que a gente faz junto, essa força dele é muito importante. Essas coisas eu aprendi dele, ficando do lado dele. Eu acompanhando o Raoni em tudo isso. Muitas vezes, as pessoas acham que eu estou sempre junto com ele, na aldeia dele. Muita imprensa de fora me manda mensagem querendo imagem do Raoni, [perguntando] se eles podem filmar ele.

Entrevistadores: *E tem outras referências importantes nesse período?*

Kamikia: Tem! O cacique Davi Kopenawa. Ele é uma liderança muito importante, reconhecido mundialmente.

Entrevistadores: *Tem algum projeto que você queira realizar agora?*

Kamikia: Tenho sim! Como eu acompanho muitas [mobilizações] políticas, eu tenho essa ideia de fazer um vídeo de candidatura indígena. Porque eu estou acompanhando uma mulher Kayapó [Maial Kayapó] que se candidatou. Ela me convidou para ser comunicador dela, ajudar na divulgação. Eu venho acompanhando ela nessas reuniões e eu tenho muito material dela. Minha ideia é acompanhar a campanha dela e, se ela for eleita, fazer um documentário da luta dela, desde a eleição até o congresso.

Entrevistadores: A situação atual dos povos indígenas no Brasil está muito ruim, mas para os povos indígenas, como Ailton Krenak fala, sempre estive nos últimos quinhentos anos. Mas, neste momento, quais são as principais ameaças aos povos indígenas que você queria destacar.

Kamikia: Hoje em dia, eu acho que estamos numa situação muito difícil, em geral. Todos os povos indígenas estamos ameaçados com vários projetos do Governo que querem afetar nossos direitos e pegar nossas terras de volta. Principalmente, lá na terra onde eu moro, ela

está em perigo. Porque se for aprovado esse projeto [Marco Temporal],⁵ os fazendeiros podem pegar essa terra de volta. Mas, nós, os povos indígenas, entendemos que naquela terra a gente morou muito antes do ano de 1988, ainda que só foi reconhecido e homologado depois de 1998. Esse é o nosso grande medo. Mas a gente tem que estar firme e forte para enfrentar esse grande problema que vem nos afetando.

Entrevistadores: Tem havido invasões nesse território? Você tem usado os drones para, por exemplo, controlar as invasões?

Kamikia: Sim. Os fazendeiros fazem o desmatamento bem próximo da nossa aldeia, encostado no limite mesmo. Ali na aldeia todo o dia a gente ouvia um barulho muito estranho de máquina. Um dia, resolvemos ir lá ver o que estava acontecendo e vimos que era uma abertura de uma estrada que ia até o rio. Escutamos o barulho e com o drone vimos que tinha pessoas trabalhando na abertura, tirando madeira. Essa imagem eu fiz com drone. Essa imagem ajudou bastante a gente a frear [o desmatamento], mas, depois de um ano, eles voltaram de novo. É constante. Nós mandamos essas imagens para o IBAMA [Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis], para a imprensa. O Greenpeace ajudou a divulgar em versão português e inglês. Então deu uma visibilidade. Porque aquela área era para ser reconhecida como terra indígena, mas ficou de fora. Estava no estudo, mas não foi demarcada. Aquela mata é onde a gente busca nossos alimentos, a matéria prima para confecção de artesanatos, madeiras para a construção da casa. Então, a gente não quer que eles desmatem. Porque aquilo lá é um “mercado” para nós.

Entrevistadores: Qual é a mensagem que você gostaria deixar para os não indígenas e qual é a mensagem que você gostaria de deixar para a próxima geração de comunicadores indígenas?



figura 5. Povos indígenas do Nordeste e lideranças da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) em marcha rumo à Praça dos Três Poderes, durante mobilização indígena em Brasília (DF). Kamikia Kisedjê, 2022.

5. Mais informação, conferir <<https://apiboficial.org/marco-temporal/>>. Ver também Book Forum publicado na revista *Tipiti*, Volume 18 (1) e, especificamente, o texto de Samara Pataxó, disponível em: <<https://digitalcommons.trinity.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1365&context=tipiti>>. Acesso em 9 de dezembro de 2022.

Kamikia: A mensagem para os comunicadores indígenas que virão é que eles não desistam do sonho. Começa com dificuldade, mas tem que ir firme e forte para que eles possam realizar o seu sonho. E a gente que já está na frente, estamos aqui para ajudar no que a gente puder. E para os não indígenas, para aqueles que abraçam a causa indígena, como artistas, ativistas, que venham junto para somar força e estar juntos nessa luta em defesa do meio ambiente, do direito e tudo isso que o governo vem criando para acabar com nossos direitos.